revec
Revista de Estudos de Cultura
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
https://seer.ufs.br/index.php/revec
REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA
São Cristóvão (SE) | v. 10 | n. 26 | Jul. Dez./2024 | p. 219-232
Submetido em 19/09/2024 Aceito em 05/12/2024

NARRAR É UMA CONDIÇÃO DE NOMEAR A SI MESMO E O MUNDO: ENTREVISTA COM ELIANA YUNES[1]

Francisco Neto Pereira Pinto
Naiane Vieira dos Reis Silva

Seja muito bem-vindo, muito bem-vinda à nossa segunda entrevista deste programa Fórum de Ensino de Literatura, que tem seu lugar no âmbito da Universidade Federal do Norte do Tocantins, por meio do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT).

Hoje, temos uma convidada muito especial, a Professora Dra. Eliana Yunes, que foi Professora Universitária entre os anos 1970 e 2017, com atuação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC--Rio, onde cofundou a Cátedra Unesco de Leitura no Brasil e a RELER - Rede de Estudos avançados em Leitura. Com dois pós-doutorado e quase cinquenta livros e mais de cento e cinquenta artigos publicados, é considerada uma das mais expressivas estudiosas da área do ensino da literatura. Minhas saudações.

1 Esta entrevista foi realizada no dia 11 e novembro de 2024, ao meio dia, no formato online, e transmitida pelo canal oficial da Universidade Federal do Norte do Tocantins, UFNT, no youtube, onde está disponível no link: https://www.youtube.com/live/Qh8o757IYyU?si=22uTWi-sfPhWXqjz. Foi conduzida pelo Professor Dr. Francisco Neto Pereira Pinto, e transcrita pela Professora Dra. Naiane Vieira dos Reis Silva.

Eliana Yunes: Eu agradeço, Francisco, porque eu acho que é sempre uma oportunidade de ouro que se consiga falar para mais de meia dúzia de pessoas para além da sala de aula. Então, é uma riqueza poder trocar ideias com pessoas que estão à distância da nossa experiência, não partilham nossa mesma geografia, mas que podem estar interessadas em questões que nem sequer nos ocorrem, mas aparecem no encontro com elas. Assim, agradeço o convite e fico bem feliz em poder conversar com você.

Francisco N. P. Pinto: Fazendo uma breve contextualização dessa nossa conversa, em 2009, foi publicada no Brasil a tradução de *Literatura em perigo,* ensaio de Tzvetan Todorov muito bem recepcionado pela comunidade de pesquisadores da área do ensino de literatura, e que se tornou uma referência quando para quem quer defender a importância da literatura na escola. Por sua vez, Eliana Yunes, em 2012, publica um texto com um título bastante provocativo, claramente dialogando com o texto do intelectual búlgaro: *A literatura está mesmo em perigo?* Dentre as muitas publicações da nossa convidada, este é o texto escolhido como referência para as provocações que endereçamos a Eliana Yunes.

Professora Eliana, Clarice Lispector, em *A paixão segundo G. H.*, em certo momento escreve: "vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade" (1998, p. 21). Este trecho comparece como epígrafe de seu texto *Sujeitos em construção: a leitura e a escrita de si*, publicado em 2016. Partindo desse fragmento, criando o que te aconteceu como leitora, como seria sua biografia? Que papel teria a escola nessa construção?

Eliana Yunes: Para falar a verdade, eu nunca pensei em escrever uma biografia. Porém, acho que a biografia de cada um está escrita em tudo o que faz na vida, não só no que escreve; mas fica marcada no modo como nos relacionamos com outras pessoas, como estamos no meio do mundo. Penso que biografia é uma coisa que vai sendo escrita com os outros, entre os outros. Eu tenho que dizer que descobri o mundo, na verdade, pela leitura, quando eu tinha oito anos de idade, e numa circunstância muito especial de enfermidade: ganhei a coleção completa dos livros do Monteiro Lobato, o *Sítio do Pica-Pau amarelo*, e isso mudou a minha vida. Mudou a minha vida mesmo; deixou de ser a vida de uma menina que não sabia de nada no mundo e passou a ser de alguém desperto para as coisas à volta. Eu acho que mudou a minha vida como um todo, inclusive na relação com a minha família. Lembro da minha mãe dizendo que não sabia que remédio eu tinha tomado naquele período em que estive isolada dos meus irmãos e que tinha me tornado uma perguntadeira inexcedível. Nada me satisfazia; eu queria saber mais e mais. Hoje eu sei que a experiência com a ficção, com o literário, me mostrou que o mundo era um mundo muito maior do que eu podia ver. Por isso, creio que talvez nada seja mais importante na minha história pessoal que o desejo de formar novos leitores. Quando eu digo "formar novos leitores", não estou me referindo apenas à literatura e aos livros. Eu estou falando que, se eu olho a condição brasileira da saúde, do meio ambiente, a justiça, a questão da sociedade como um todo, fragmentada, as pessoas desamparadas socialmente, mas muito adestradas por ideologias, completamente alienadas, nada é mais poderoso para transformar esse estado de coisas do que ajudar a formar sujeitos como, de alguma maneira, eu acho que Lobato ajudou a me formar, e ajudar a formar sujeitos a terem voz para poder questionar, para poder colaborar, para poder interagir no mundo. Acho que não há gente no mundo que saiba alguma coisa, que possa criar, em qualquer tipo de linguagem - musical, pictórica,

fotográfica – sem entender a força instauradora da linguagem. Nada é possível criar se as pessoas não aprendem a usar a linguagem de modo a que dê conta tanto do entendido, do imaginado, quanto do desejado. Essa linguagem não vem de graça. Vem efetivamente na troca, no convívio ordinário que temos entre nós - e cada vez menos conversamos, porque agora a conversa é curta, pelo celular. Como a palavra oral de alguma maneira é traduzida na escrita, à distância, há algumas perdas e alguns ganhos com essa combinação de outros sinais, que por sua vez vão exigir intérpretes.

Costumo, quando estou no metrô, ouvir o aviso de "Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma", porque há uma distância entre o trem e a plataforma. Sempre penso que entre o pensamento e a expressão há também um vácuo de inferências, de subentendidos, e nesse pequeno intervalo de muito risco é preciso que haja mediadores que nos ajudem a fazer essa travessia, digamos assim. Isso é ao mesmo tempo empolgante, magistral, mas tem lá evidentemente seus perigos. Lembrando aqui que quando Gutemberg inventa a imprensa e a palavra deixa de ser somente manuscrita, tem a possibilidade de ser expandida, de chegar a muitas paragens, os autores tomam a precaução de fazerem eles o prefácio, de fazerem eles as orelhas do livro, explicando o que queriam dizer para não serem mal interpretados e acabarem indo para a fogueira, porque era esse era o risco: dizer o que não queria ter dito.

Quanto ao papel da escola na contemporaneidade, em que o mundo virou efetivamente uma aldeia, mas, ao contrário das aldeias, as pessoas não têm o tempo de se encontrar, além dessa visão mercantilista e consumista do mundo, tornou-se fulcral; nas famílias de qualquer natureza econômica e social, os pais e filhos estão cada vez mais distantes. Apesar da proximidade física, não tem, no tempo, o encontro, a troca, o diálogo, a conversa; vejo que a escola se tornou efetivamente a opção para uma socialização verdadeira. Não é só a socialização pelo que traz a leitura do livro didático, mas aquela que observa a conexão entre a vida que está registrada, coletada, a experiência humana que está nos livros, seja literatura, seja informação, e a vida real. Eu lembro de uma vez ter visto um menino na porta de uma escola, que deveria ter uns nove ou dez anos, com a mochila nas costas. E quando chegou à porta, suspirou e disse "Enfim, a vida!". Com certeza, disse isso porque ele não sentia efetivamente na escola a vida por inteiro. Contudo, a escola tem um papel decisivo, e, dentro da escola, mais importante do que toda a biblioteca, é a leitura e a experiência dos professores. Acho também que há uma responsabilidade imensa do Ministério da Educação – MEC: produz aí um roteiro de leitura, de ensino, de conteúdo, que é bastante alienado da vida concreta dos meninos, e o livro didático segue à risca, sem fazer novo trajeto ou abrir espaço para a conexão com a contemporaneidade, onde os meninos vivem, onde estão esses jovens. Assim, o papel da escola é importantíssimo, mas praticamente tudo precisa ser reconsiderado.

Francisco N. P. Pinto: Professora, você falou das suas leituras de Monteiro Lobato. Você teve outras experiências que foram marcantes para começar sua história de leitura: autores, títulos?

Eliana Yunes: Cada pessoa deve ter tido uma experiência pessoal com os livros didáticos e com os livros literários que passaram por sua vida. A maior parte das pessoas começa a ler com os contos de fada, que, logicamente, têm uma série de camadas de leitura: começa-se lendo numa superfície, que está contando uma história, e depois vai aprofundando a camadas do discurso, que tem a ver com

um tempo, uma época, com um momento social e político. Comigo, não foi com os contos de fadas, embora eu os conhecesse.

Eu tive uma experiência radiofônica, sentada ao lado de meu avô, que assistia a *Jerônimo, o herói do sertão*[2], que assistia *Anjo*, *O cavaleiro da noite* e me levava às matinês no cinema para ver *Lili*, *Marcelino, Pão e Vinho*, inesquecíveis. Posso dizer que eu comecei por essas narrativas, que eram quase narrativas de cavaleiros andantes, que depois vão ser discutidas, comentadas com o *Dom Quixote de La Mancha*; depois vieram as parábolas. Eu aprendi o catecismo, na verdade, não decorando o Credo, o que era pecado ou não pecado; eu aprendi ouvindo as parábolas que estão no Novo Testamento, que eram para mim fascinantes, misteriosas mesmo. Então, eu ficava imaginando como seria um grão de mostarda que cresce até que as aves possam fazer ninho. Nesse sentido, essas histórias foram muito fortes na minha formação antes do Monteiro Lobato. Quando o Lobato chega, eu já amava aventura, já amava contos e narrativas. E o que ele me fez foi abrir o horizonte de mundo. Procurei ler muitas outras narrativas, também de aventura, por volta de 12 ou 13 anos: as aventuras de lendas latino-americanas de nativos, povos originários, que fui descobrindo, daqui e de outras partes do mundo; os contos africanos; acho que Câmara Cascudo iluminou também parte do meu horizonte. Essas narrativas foram sendo mescladas, tecidas. Eu não dava conta de todas elas, eu não entendia tudo, claramente; relia muitas vezes para tentar entender. Também roubava os livros de leitura da minha mãe, que lia Jorge Amado, Érico Veríssimo e Graham Greene. Seus livros, que ficavam debaixo do seu travesseiro, debaixo da cama, eu roubava de vez em quando para dar uma lida ou outra, de forma que quando eu me encontro com o *Quixote*, por volta dos 15 anos, fiquei absolutamente maravilhada com o que a princípio eu não entendera, que era ao mesmo tempo afirmação e negação daquela busca de ética, busca de justiça, e o sentido dobrado do dito, da ironia. Eu não sabia dizer exatamente o que era isso, mas foi um encantamento extraordinário. Acho que essas narrativas marcaram a minha vida, inicialmente.

Francisco N. P. Pinto: No seu texto *A literatura está mesmo em perigo?*, você afirma: "Não se aprende a pensar apenas com a inteligência, pois a busca intelectual efetiva vem de uma sensibilidade que abre perspectivas de múltiplas formas de entendimento para consigo mesmo, com o outro e com o mundo" (p. 70). O contexto desse recorte nos mostra que você está falando da literatura e do afeto. Você poderia falar mais da relação entre a literatura, o afeto, a sensibilidade e a inteligência, relacionando-os com o ensino da literatura?

Eliana Yunes: Acho que o responsável por nos convencer ao longo dos últimos séculos de que a razão era a senhora da casa foi o Iluminismo, porque trouxe com a ciência uma visão, aberta pelo Renascimento, antropocêntrica. No ápice desse antropocentrismo, o homem se faz senhor do mundo, senhor das esferas celestiais, entendendo as revoluções astronômicas e outras questões apontadas até então como males do espírito - a questão da loucura etc., de que o Freud vai se ocupar no século seguinte; é nessa febre que a condição humana alcançaria a sua plena potencialidade com a inteligência que a ciência era capaz de traduzir. A ciência apostou no ônus da prova: tudo o que pudesse ser experimentado e provado era o que valia. Com isso, fez parecer que tudo mais no mundo era supérfluo. Nesse sentido, fomos abafando o sentimento, a afetividade.

2 Novela radiofônica da Radio Nacional nos anos 50 do século passado

Isso é muito interessante porque os afetos vão aparecer nos romances, na música. Se observamos a música desse período, a música clássica sobretudo, os romances, fica evidente que o homem não pensava só com a mente, mas com o corpo, o coração. As relações humanas, falando seríssimo, são feitas de sensibilidade, em primeiro nível, com os afetos e nossas emoções. Num segundo momento, passam para o plano da inteligência, que é o plano da análise, do discernimento, do conhecimento em que é possível distinguir uma coisa de outra. Mas não há uma hierarquia de valor. A precedência não é uma inferioridade.

Nós, na verdade, somos criaturas muito complexas, ou, como diria Adélia Prado, somos criaturas desdobráveis - complexo é aquilo que se desdobra. As mulheres são bastante complexas no olhar da Adélia Prado, que em seu primeiro poema diz que somos desdobráveis[3]. Esse desdobrar-se mostra que as certezas, e vou dizer uma coisa muito dura, *chapadas* pela inteligência, as conclusões da razão que se tornam verdades, são incompletas, não são adequadas à compreensão da vida humana. Então, muito mais do que uma equação matemática de Pitágoras ou o mapa das circum-navegações, toca o homem um conto da Marina Colasanti, como *A moça tecelã*, ou um poema do Affonso Romana de Sant'anna, como *Que país é este?*. Vendo um filme do Wim Wenders, como *As Asas do Desejo* (1987), ou do Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), eu entendo mais do mundo, mais do Brasil, e sinto um arrepio do corpo que não vem direto da inteligência; vem de uma sensibilidade que me toca sem que primeiro tenha que compreender. Sinto, percebo, e só depois tenho que fazer algum esforço para elaborar.

A sensibilidade é um modo de recebermos, percebermos, entendermos os acontecimentos. Gosto muito, embora seja de um ponto de vista de filósofo, do que diz o Maffesoli, o Gadamer, o Damásio, entre outros, que têm insistido sobre outras inteligências: a inteligência do sensível, a inteligência emocional. Acho linda, na internet, uma carta do Saramago[4] escrita para a avó, reconhecendo que ela, analfabeta, tinha lhe ensinado a ler o mundo com a sensibilidade dela para as coisas. Então, não há nenhum

3 Em seu poema "Com licença poética", Adélia Prado (1993, p. 11 [destaques nossos]) escreve:
"Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
-- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou."

4 José Saramago publica, em 1968, Carta para Josefa, minha avó. O texto pode ser lido no site https://michelechristine.wordpress.com/2020/07/01/jose-saramago-carta-para-josefa-minha-avo/ (Acesso em 05 de dezembro de 2024).

atraso. Muito pelo contrário, é um avanço usar a sensibilidade para poder lidar com a inteligência. A inteligência sem a sensibilidade pode ser uma ditadura.

Francisco N. P. Pinto: Ainda no seu texto *A literatura está mesmo em perigo?*, você afirma, a partir de Walter Benjamin: "Este é propriamente o lugar indelével da literatura: o da narrativa que suscita a experiência irrepetível, mobilizadora de sua inteireza, nervos, sentimentos e razão, por conta de suas dobras, de sua convicção da impossibilidade de esgotar o não dito". Você acredita que a necessidade de narrar é inerente à condição humana e que esse é o lugar indelével da literatura. Poderia falar sobre essa necessidade e como o trabalho com a literatura na escola pode se configurar como uma experiência?

Eliana Yunes: Quando ouvi essa pergunta, fiquei pensando que certamente a condição de narrador é a condição de toda e qualquer pessoa. Todos nós somos narradores. Hoje, quem estiver nos assistindo e for encontrar alguém que não nos viu e acompanhou, dirá como passou a hora do almoço sem poder almoçar porque estava acompanhando entrevista e isto vai resultar numa história daquele seu momento. Nesse sentido, narrar, como já dizia Paul Ricoeur, é a condição de nomear o mundo e de alguma forma recriá-lo. Para nomear o mundo, não se põe uma etiqueta, pois ele não está lá senão como coisa física, mas se dá na observação das práticas, das atitudes de sujeitos que o interpretam, a fim de dar um nome às coisas. Sempre fico imaginando isso no livro de Gênesis, na história ficcional sobre como as criaturas foram ganhando nomes. Eu imagino Adão olhando um leão e uma lagartixa para poder escolher o nome a um e a outro; a uma abelha e a um beija-flor. As narrativas literárias das histórias sagradas são inesgotáveis; elas existem de alguma forma na historicidade de seus leitores e não na historiografia de seus autores.

Narrar é uma condição de nomear a si mesmo e o mundo. Nossas conversas diárias comportam inúmeras narrações. Precisamos, como também indicou Benjamin, narrar para existir, pois sem narrar não existimos. A nossa história é aquilo que constitui o nosso próprio tempo no mundo; não é o meu corpo perambulando pelas ruas, mas é a história que se pode contar desse meu perambular pelo mundo. Essa ideia de ir ao passado, como o próprio Benjamin faz em *A Origem do Drama Barroco Alemão*, ou faz outro no narrador como Asimov, indo para o futuro, com a ideia de levar para o outro aquilo que a experiência do passado trouxe e que pode equilibrar a experiência futura, mostra que nossas histórias são a própria vida que vivemos. Nelas estão não apenas os acontecimentos, os fatos, mas também o imaginário, o desejo. Certamente, alguém que nos ouve e nos lê tem suas próprias experiências disso no tempo e no espaço, e vai ter outras perspectivas, outros ângulos de visão e vai contar isso por um outro ponto de vista. Mas é fundamental que tenhamos a possibilidade de sermos narradores daquilo que experimentamos.

O que me apavora hoje é a falta de - e vou nomear dessa forma, mas é mais simples que isso - discurso, a falta de palavra, a falta de uma história nas crianças que passam o tempo jogando e não são capazes de contar o que aconteceu no período da sua escola naquele dia. Penso que levamos algum tempo para organizar isso; não é de graça que vem. Mas aprendemos a contar ouvindo os pais, os amigos, os professores, as pessoas à nossa volta narrando ou indo a ilustradores, pintores, aos museus, ver paisagistas. Quando eu passo no Aterro do Flamengo[5], fico imaginando o Burle Max escolhendo as árvores e os

5 Localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, o Aterro do Flamengo é um complexo de lazer.

blocos de flores e de árvores. Então, são narrativas para mim: eu quero saber o nome daquelas árvores, de onde elas vieram, que história elas têm, como resistem na beira do mar.

Contudo, não perceber que todos nós fazemos a história é um desastre, porque passamos a acreditar que há uma história única, que é a história alheia, a qual, de fato, vai fracassar se a gente não puder cruzá-la com outras histórias diversas daquela, com outras versões, e descobrir que o que está escrito não é verdade senão naquilo que eu posso entender, naquilo que posso tomar como meu. Essa foi a grande descoberta, para mim, do Jauss e do Iser[6], em Constança, em 1979: descobrir que mais do que a palavra do autor, mais do que as palavras dos seus críticos, ali habitava a demanda de um leitor que fizesse essa palavra se tornar viva. Para que essa palavra se torne viva, é necessário que ela seja interpretada. A interpretação é uma forma de dilatar a compreensão do que está dito, elaborar, voltar a trabalhar sobre aquilo que foi trabalhado, que é já uma leitura de mundo. O Paul Ricoeur já falava sobre isso: não existe nenhum marco zero; o marco zero já é uma interpretação do mundo. Isso é uma discussão bastante interessante, que se pode levar, inclusive, para Roland Barthes, quando fala do grau zero da escritura.

Acredito que a ficção traz essa possibilidade de entendermos a narração como uma pluralidade de pontos de vista, uma riqueza que mostra o mundo plural, diverso, cujos efeitos não se tornam doutrinas ou leis, mas vão sendo acalentados, transformados, alimentados pela discussão daquilo que é lido com o outro. Sair do cinema e não poder discutir o filme é uma tristeza, porque você tem um ponto de vista, o diretor tem o dele, o livro do qual ele saiu tem outro. Essa riqueza de pluralidade mostra o quanto o mundo é grande.

Francisco N. P. Pinto: Com sua fala, pensei em várias coisas. Por exemplo, Jacques Lacan trabalha a ideia do romance e do conto, sinalizando que essas nossas narrativas poderiam sair dessa coisa longa para outra mais condensada, como se fossem um conto; a Maria Rita Kehl (2019 [2001]) tem um texto em que diz que a sua vida poderia ser um romance. A própria Kehl, também partindo do Benjamin, diz que as coisas nos acontecem a todo momento, mas, se não tivermos tempo para pensar sobre e elaborar, isso não se transforma em uma experiência: é algo que nos passa, mas não fica, porque não cria uma experiência. Pensando a sala de aula hoje, com todos os seus desafios, o trabalho com a literatura poderia dar lugar a experiências na sala de aula. Porém, voltando às nossas perguntas finais, quais são os seus interesses e o que você tem pesquisado?

Eliana Yunes: É difícil escolher e às vezes eu fico perdida. Mas, enfim, com a experiência de ser professora e ter que preparar um curso de pós-graduação a cada semestre, e ter que ler e entender o que se aplicaria com maior relevância à vida naquele momento, eu hoje posso te dizer que tenho pelo menos dois interesses grandes de pesquisa. Eu fui professora de teoria da literatura praticamente a maior parte do tempo, depois professora de teoria da leitura, de literatura comparada. Por isso, durante muito tempo eu me interessei por esse campo teórico não necessariamente para ficar nele. Eu entendo que o campo teórico é absolutamente necessário, porque ele dá esse tempo a que você se referia: ele me obriga

6 Os teóricos Han Robert Jauss, da História da Literatura, e Wolfgang Iser, da Teoria Literária, na Escola de Constança, contestam a tríade autor-texto-leitor, no sentido de sinalizar uma centralidade maior do leitor sobre o texto, no campo consolidado da Estética da Recepção. Para saber mais, conferir Zilberman (1999).

a parar, pensar, refletir, tentar argumentar e tirar algumas conclusões. Porém, acontece que se você não souber ou puder aplicar a teoria no cotidiano, na vida, na prática, fica inútil ler a letra, na perspectiva do que dizia Paulo Freire. Se eu leio a letra e não entendo o mundo, a letra me é inútil. A partir disso, penso que temos dois problemas graves na sala de aula. No primeiro, passamos o tempo ensinando uma história do mundo sem nenhuma conexão com o tempo presente. penso que o ensino da História, da Geografia, da Ciência, de tudo, inclusive do ensino da língua, deveria partir da realidade presente, do que está acontecendo na história social hoje, qual é o estado da ciência com relação às vacinas, ou o que seja, ou a história astronômica, no que interessa dessas viagens, e andar daí para a fundamentação teórica e fundamentação histórica. Eu gostaria muito que a teoria aparecesse como uma forma de ajudar a entender o que a gente vive. Para isso, teria que haver uma mudança radical nos conteúdos e na metodologia da escola, o que é fundamental. Por que o estudante tem que saber dos seis casamentos de Henrique VIII? Por que e para que tem que entender isso? Se for discutir hoje a questão do protestantismo que se fragmentou em diversas expressões religiosas e entender o impacto que Lutero teve sobre Henrique VIII, que aproveitou essa oportunidade para se descasar, se distanciar, enfim, do poder papal e arbitrar a vida pessoal, é possível entender sua história e o impacto no mundo ocidental. É possível inclusive entender que importância tem a história da Inglaterra, por exemplo, para o mundo contemporâneo, do ponto de vista da economia, da industrialização etc. Nesse sentido, teríamos que fazer uma mudança profunda no movimento de trabalho com os dados, com o conhecimento como está organizado: não está mais na enciclopédia, mas no Google. No entanto, no Google sozinho o estudante não vai aprender, como uma enciclopédia aberta pouco o faria.

A segunda questão que me interessa muito de perto é o papel que esse fingimento, de que falava Fernando Pessoa (1947)[7], pode ter de mais verdadeiro que a própria história real. Então, a demanda por saber lidar com a ficção, porque ela nos leva a recônditos, às dobras que temos na vida e que não ousamos falar ou escrever, pode resgatar o amor próprio, a ética, a beleza e a estética da vida. Quando penso nisso, penso sobretudo nesse público com o qual está trabalhando, por exemplo, a Valéria[8]: os jovens apenados, em atrito com a lei. Que perspectivas de vida eles terão ao fazer remição de pena por contar páginas de leitura? É nada. Esse tipo de remição com cedilha não leva à remissão com dois s, à remissão de fato a que ele tem direito: a liberdade, a compaixão, a solidariedade. Isso ele vai ter que encontrar do lado de fora. Do lado de fora estamos aos milhares fora das grades, mas ainda sim prisioneiros de

7 No poema *Autopsicografia*, Pessoa (1947) escreve:
O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

8 A professora Dra. Valéria Medeiros, Docente Permanente do PPGLLIT, realiza pesquisas sobre leitura para pessoas em situação de cárcere.

uma série de coisas, de doutrinas, de dizeres, de coisas que nos constrangem sem que a gente saiba se libertar delas. Diante disso, penso que a ficção seria um lugar em que a subjetividade interpares, a intersubjetividade, poderia fazer com que a vida social, a vida política, a vida coletiva melhorassem muito. Então, estou muito interessada no papel que a ficção e a arte de um modo geral - o cinema, os museus, a pintura, a fotografia, as pinturas nos murais de rua - pode transformar a nossa capacidade de entender, de tolerar, de compartir e de trabalhar efetivamente para que a gente tenha mais beleza e mais bem-estar no mundo.

Francisco N. P. Pinto: A partir das suas elaborações, chegamos à nossa penúltima pergunta. Dentro da área do ensino da literatura, quais tendências você tem notado em relação aos outros pesquisadores? Qual seria o futuro da área do ensino de literatura?

Eliana Yunes: Apesar de não ter bola de cristal, acho que, de qualquer maneira, enquanto formos criaturas humanas, vamos precisar contar, narrar. Então, esse talento, que é também uma exigência e uma necessidade, é algo que não tenderá a aparecer. Teremos outros suportes; já foi o papiro, a parede da caverna, o papel dobrado - os pliegos, agora encadernado, e estamos na tela, no digital, além das outras múltiplas linguagens. A pintura espanhola do século XVIII narra as brutalidades todas, todas as guerras e as incoerências da vida na Europa. Seguramente, se nos debruçarmos sobre os nossos povos originários, que têm uma ancestralidade poderosa e a escutam, mas têm sofrido os impactos do que está acontecendo nos seus espaços geográficos, com as invasões, os abusos, os assassinatos etc., aprendemos para o hoje. A mesma coisa acontece se ouvirmos o povo brasileiro de origem africana: as histórias que trouxeram fazem com que de fato saibamos que há pedaços do mundo que não conhecemos, ainda agora. Voltando a Wittgenstein, o tamanho do mundo é o tamanho daquilo que eu sei, é o tamanho da minha linguagem, daquilo que eu posso contar, narrar.

Assim, independentemente dos suportes que vamos poder usar, a narração está presente. Fico olhando os joguinhos, pois todos eles, por mais inócuos e singelos que sejam, estão contando uma história, estão tentando uma narrativa, estão provocando para que você entre em cena para agir. Nesse sentido, o papel da ficção, não só da literatura, não vai desaparecer, porque o homem sonha, imagina, sabe que não é só aquilo que está sendo. Ele é mais, potencialmente é muito mais, pode mais, quer mais. E não se trata somente do dinheiro, pois o dinheiro acaba, porque a vida acaba. Então, é preciso que compreendamos a linguagem como a do imaginário, que é a linguagem da criação, da arte. Penso que tem futuro sim para tudo aquilo que não sofre as pressões das regras, da lei. É aquilo que está nos evangelhos: não é a lei, não é a doutrina, não são os escribas, os fariseus; é você com duas moedinhas dando o melhor de si no tempo, independentemente da riqueza de quem está ao seu lado.

Isso dá a cada um de nós uma possibilidade de encontrar um caminho de bem-estar: estar entre os outros com a sua parte, o seu fazer. Isso pode nos trazer uma espécie de justificativa da vida. Almejamos uma justiça. Penso que a justiça tem, às vezes, muitas medidas, muitas exigências métricas do que pode, do que não pode, do que deve e o que não deve. Porém, a arte, assim como o amor, é sem medida. Nessas desmedidas, que muitas vezes põem em risco a nossa história - a exemplo de Ulisses nas suas desmedidas contra os deuses do Olimpo, arriscando-se, pode chegar finalmente ao encontro

dos seus -, a gente está buscando encontrar com os nossos, com nossos pares, aqueles que desejam uma vida melhor para todo mundo, que é o que eu acho que pode nos fazer felizes. Acho que teóricos têm se aproximado da vida real e as abstrações precisam considerá-la.

Francisco N. P. Pinto: Considerando a sua trajetória profissional, de 1969 até 2019, você tem muito a dizer para os novos professores e novos pesquisadores da área da literatura. Então, te lanço a última pergunta. São muito conhecidas as cartas que Rilke escreveu ao jovem poeta. No seu caso, considerando jovens professores e pesquisadores da nossa área do ensino da literatura, que carta você escreveria para eles?

Eliana Yunes: Há cerca de seis anos, perdi meu único filho homem, e o filho dele estava com cinco anos. Depois que vivemos o luto, nos perguntamos como é que vamos continuar vivendo. Eu tinha o meu neto ao meu lado e pensei que poderia começar a escrever cartas para ele. E comecei a escrever cartas para ele. Não mandei nenhuma delas. Certamente, quando eu morrer ou quando ele completar dezoito anos vai receber as cartas. Essas cartas procuram dizer para ele que, apesar da dor da perda, que para ele deve ter sido mais terrível do que para mim mesma, a vida é feita para a beleza, para a contemplação, para a partilha, para a realização do que está faltando no mundo, porque faltam coisas no mundo, além do pai. Considero o que nos acontece e de aí tiro reflexões que melhorem o entorno. Se o mundo estivesse inteiramente completo, o Gênesis não teria nos mandado dar nomes às coisas e ir em frente, vivendo. Assim, temos o que fazer no mundo, e esse quefazer exige que tenhamos uma coisa que você falou: o tempo de contemplação, o tempo de pensar.

Então, eu recomendaria a ele e aos jovens que parem diante de um filme do Kurosawa, por exemplo, SONHOS, no qual ele contempla, através de um episódio chamado *Os corvos*, a obra do Van Gogh. Assim, contemplem a obra do Van Gogh. E demorem, demorem. O que Van Gogh está dizendo para você naquela *A Noite estrelada*? O que Debussy está dizendo para você contemplando o clarão da lua - *Clair de lune*? O que Noel Rosa está dizendo para você na *Fita Amarela*, que não tem choro nem vela? É essa beleza que se encontra no *Epigrama n° 8*, da Cecília Meireles:

> Encostei-me a ti, sabendo bem que eras somente onda.
> Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.
> Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil,
> fiquei sem poder chorar, quando caí.

Os sermões de Vieira, um luxo; os discursos de 7 de setembro de nossos políticos todos, que Brasil enxergam? Tudo isso merece um olhar de observação, uma escuta do que está acontecendo à nossa volta. Os artistas que estão pintando os murais estão dizendo coisas que os nossos olhos têm que interpretar nas paredes externas dos edifícios. E a obra de Sebastião Salgado fotógrafo que interpreta a morte dos homens na morte das florestas.

Então, diria: contemple. A contemplação é um tempo que se fez perder na contemporaneidade, e é dela que podemos haurir sabedoria para nos comunicarmos convenientemente com a demanda do outro e com aquilo que dentro de nós pede som, pede palavra. Há gritos calados dentro de nós, em lembrança

ao quadro *O grito* (Edvard Munch, 1893). Precisamos descobrir, contemplando, o tamanho do mundo onde podemos efetivamente agir e interagir. Vale a pena ler *Harry Potter* e ver, por exemplo, *Assassinos da Lua das Flores*, do Scorsese, para podermos ver que belezas há nas vidas diferentes, do imaginário diferente de culturas e povos. Temos que ler Lygia Bojunga, *Paisagem*, Agatha Christie, *A noite das bruxas*, Clarice Lispector, *Rosas silvestres*: abrir as gavetas e perfumar as roupas com essas pétalas de flores mortas, porém exalando a alma viva. Eu acho que nós só exalamos alma viva se pudermos contemplar. Eu escreveria cartas indicando contemplações.

Francisco N. P. Pinto: Pergunta da professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva: Hoje, nas aulas de Literaturas do Norte, selecionei algumas das habilidades da BNCC[9] para falar como as aulas de literatura deveriam conversar com a BNCC - tudo precisa ser sempre explicitado nos planos de aula. Então, identifique um problema como o de falar em gêneros narrativos e poesia, quando a poesia também pode ser narrativa. Enfim, a literatura parece ter sido muito mal considerada na BNCC, que faz tudo virar gênero. Qual é a posição da Yunes a respeito da didatização prevista pela BNCC?

Eliana Yunes: Fico muito impactada quando vejo as pessoas desejando achar soluções, dar respostas para os problemas que encontramos. Acho que há uma evolução grande até chegar à BNCC, com um grande trajeto. Porém, há como que um descompromisso das autoridades, das secretarias, de trabalharem a solução, o caminho. Isso, para mim, passa pela - e vou dizer uma coisa bastante dura também - falta de confiança nos professores, nas escolas, que não pode considerar a sala de aula desse professor da terceira série e do outro da quinta série, mas a escola, os professores, esse corpo que está pensando um marco de informações que está sendo pedido, exigido como programa a ser dado mas que tem que efetivamente cruzar com a experiência de vida desses alunos, que é diferente no Leblon ou no Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Então, é muito importante que conheçamos as demandas que essas pessoas têm para escolhermos a linguagem com a qual vamos falar com eles. Como os professores não estão autorizados e duplamente - porque não receberam autorização para inventar seu próprio programa e porque não têm autoridade para poder propor alguma coisa - eles não têm uma experiência disso: conhecem Hip Hop, dança do passinho, o Debussy? Onde o professor está, ele conhece o material que teria disponível para criar, através da literatura, uma forma de ponte com o mundo?

Você tem razão ao apontar a questão do gênero, mas é uma tentativa de dar uma solução, uma resposta e um caminho, quando na verdade teríamos que formar muito bem os nossos professores, que são os primeiros leitores e serão os mediadores da outra geração. E você tem também razão: a poesia é uma forma de narrativa. Ela está escrita por rimas, com outro ritmo, com outra escansão, mas é uma narrativa, pois está narrando uma experiência interior ou exterior de mundo – no modo épico, lírico etc.

No entanto, o importante é que soubéssemos selecionar um acervo de literatura de uma escola, um acervo de filmes: quais são os materiais que vão me permitir, nesse ano, trabalhar com meus alunos uma ponte para com os conhecimentos de mundo que ele deve ter em seu acervo? Então, creio que a sua angústia é grande, com a qual comungo, mas o ponto de partida é outro. Quando olhamos o conteúdo das faculdades de Educação e vemos o que os professores têm que saber para serem aprovados ou

9 Base Nacional Comum Curricular

fazerem suas teses, percebendo que estão completamente distanciados da experiência afetiva, da experiência que pode ser um caminho para a inteligência do mundo e das coisas, vamos entender por que a escola é tão refratária à literatura. Além de tudo, a literatura mexe com a alma; a literatura é perigosa. Todo mundo tem medo de ler um poema na sala de aula e chorar. Todo mundo tem medo de ler uma cena dramática de *São Bernardo* e chorar. Então, como temos vergonha de ter sentimentos, preferimos tudo bem pontuado, escrito, determinado, com resposta no livro do professor.

REFERÊNCIAS

Benjamin, W. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Kehl, M. R. Minha vida daria um romance. **Revista Leitura**, *[S. l.]*, v. 1, n. 27, p. 55–86, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.200127.55-86. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7532. Acesso em: 5 dez. 2024.

Lispector, C. **A paixão segundo G.H**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Pessoa, F. **Poesias.** 15 ed. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, [1942] 1995.

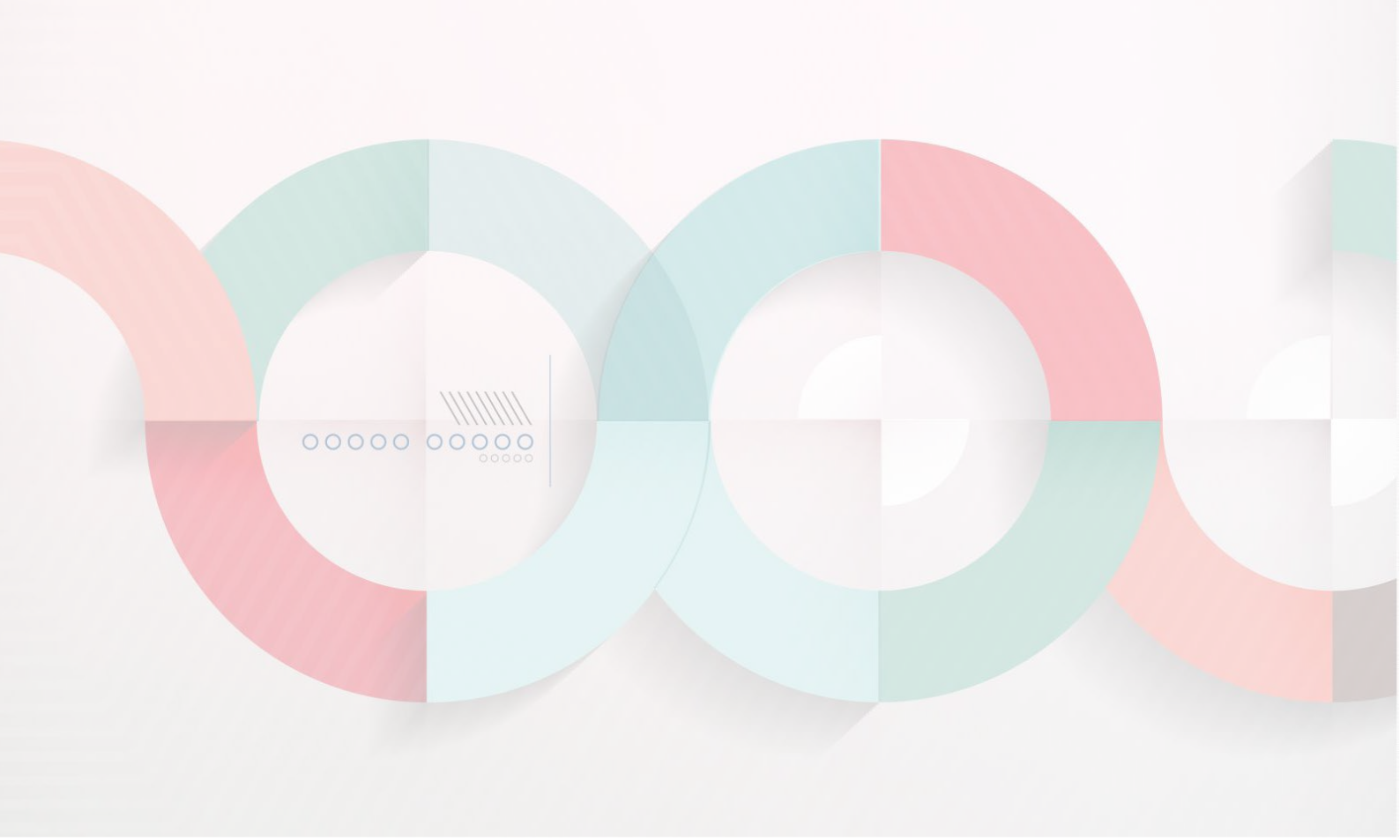
Rilke, R. M. **Poemas e cartas a um jovem poeta**. Tradução de Geir Campos e Fernando Jorge. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2013.

Todorov, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Yunes, E. Sujeitos em construção: a leitura e a escrita de si. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 1, p. 618-25, 2016. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3010/1949. Acesso em: 5 dez. 2024.

Yunes, E. A literatura está mesmo em perigo?. In: Lima, A (Orgs.). **O direito à literatura.** Recife: UFPE, 2012. p. 77-91.

Zilberman, R. A estética da recepção e o acolhimento brasileiro. **MOARA** – Revista Eletrônica do Programa de Pós--Graduação em Letras, Belém, n. 12, p. 7-17, 1999. DOI: http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i12.3102. Disponível em https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3102. Acesso em: 5 dez. 2024.

Palavras-chave: literatura youtuber, literatura canônica, conversa literária, escuta atenta.

FLUXO CONTÍNUO